

NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: “ERA UMA VEZ UMA SALA DE AULA SEM LITERATURA”

Manuela Gil do Nascimento¹
Aurea da Silva Pereira

Resumo: O presente artigo propõe uma discussão sobre a ausência do letramento literário na Educação de Jovens e Adultos. Esta reflexão é um recorte resultante da coleta de dados realizada a partir da observação sistemática na sala de aula da EJA no ano de 2017 em uma escola municipal na cidade de Alagoinhas - BA para a pesquisa de mestrado – Os saberes discentes mobilizados nas aulas da EJA.

Considerações iniciais: contexto da pesquisa

O presente texto apresenta um estudo de caso de uma sala de aula da EJA de uma turma noturna nos anos iniciais do Ensino Fundamental I de uma escola municipal localizada na cidade de Alagoinhas – BA. O recorte do estudo faz parte da pesquisa em andamento de mestrado de um Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado da Bahia.

Vale ressaltar, que esta reflexão parte de um estudo intitulado “Os saberes discentes mobilizados nas aulas da EJA”. Após coletas de dados desta investigação, notou-se que nas aulas da turma investigada havia a ausência da leitura literária. Sabe-se que a literatura pode se constituir como recurso metodológico indispensável para a formação de leitores. Desse modo, propomos refletir a importância da presença da literatura na sala de aulas da EJA como uma ferramenta necessária para o ensino e aprendizagem.

Muitos autores, estudiosos e até mesmo professores ao propor e defender a relevância da leitura literária na escola objetiva alcançar um público alvo. Muitas vezes, nem é preciso abrir as obras que tratam sobre a presença da literatura na escola, pois ao olharmos a capa dos livros destinados a essas discussões nos deparamos frequentemente com imagens de crianças e adolescentes, deixando claro o público almejado. Este público almejado é composto por crianças e adolescentes em processo de construção e desenvolvimento de saberes e conhecimentos. Um público que pertence a uma faixa etária que determina em que série escolar deve estar e o que deve e pode ler. Assim, percebe-se que para muitos autores, educadores e estudiosos, a leitura literária na escola ainda é restrita para os alunos do ensino regular de uma determinada classe social. Por considerarem que o incentivo a leitura deve acontecer nessa fase da vida inicial do ser humano. O que não deixa de ser verdade, pois é na infância que o ser humano vive em constantes processos de aquisição e desenvolvimento de habilidades e competências e, dentre as diversas habilidades e competências desenvolvidas, a habilidade e competência leitora, intimidade com a escrita e com o livro.

A relevância da leitura literária na EJA

Infelizmente, percebe-se ainda um movimento de exclusão da Educação de Jovens e Adultos. A EJA que por muito tempo acontecia em ambientes extraescolares, hoje pertence e preenche os espaços da escola. Mas, é ainda visível sua exclusão, o seu esquecimento quando nos propomos a falar em leitura literária na sala de aula para este público, que para muitos já não são mais leitores ideias. Visto que, não teve acesso a leitura quando crianças e geralmente

¹ E-mail: manuelagil05@gmail.com.

os jovens, adultos e idosos que estão ali são oriundos de famílias que tiveram que interromper seus estudos para trabalhar e assumir tarefas para ajudar a família, outros estudantes tem pouca familiaridade o letramento escolar.

Muitos jovens, adultos e idosos não desenvolveram em sua infância o gosto pela leitura literária em suas trajetórias de vida, visto que foram excluídos desse convívio literário e em alguns casos, a literatura não fazia parte do ambiente escolar. Mas, essa exclusão não pode e nem deve ser incentivada nas aulas da EJA, haja vista que esses jovens, adultos e idosos possuem o direito de acessar este bem cultural e a partir da leitura de literatura re(significar) seus olhares sobre o livro, a escrita, a leitura e sobre suas realidades, suas vivências e o mundo. A leitura literária e o livro se constituem como bens culturais que não fazia parte da sala de aula observada. Desse modo, tais bens culturais foram negados aos jovens da EJA da sala de aula observada.

Durante as aulas da turma investigada observou-se nos diálogos discentes constantes trocas de saberes e experiências. Dentre estes saberes e experiências, destacamos temas que eram pautas constantes dos diálogos desses estudantes, são estes: vulnerabilidade social (violência no bairro); preconceito laboral e preconceito étnico racial. Estes eram temas que preocupavam e inquietavam a turma. Porém, a docente responsável, evitava dialogar sobre esses temas que tanto afligiam os alunos. Suas aulas eram recheadas de construção de palavras, atividades que objetivavam a construção de palavras e o preenchimento de lacunas (traços) entre letras. Assim, focava no aprendizado do alfabeto e na concretização desse aprendizado a partir da cópia e escrita dos alunos. As aulas eram muitas vezes repetitivas, já que tinha como principal objetivo: alfabetizar os alunos. Sendo assim, infelizmente, discussões como estas eram evitadas. Não se falava nas aulas sobre violência, preconceito ou qualquer outro assunto que pudesse exigir dos alunos um posicionamento crítico ou o relato de uma experiência. As aulas eram repletas de lacunas e construção de palavras.

No planejamento da docente, o diálogo com os alunos não era pauta, assim como também não era pauta, a leitura de literatura nas aulas. Seu planejamento, durante as aulas observadas, eram direcionados a um processo exaustivo de tentativa de aquisição da escrita. Esse processo de aprendizagem era concretizado através de atividades voltadas para a construção de palavras. Mas a leitura literária não se fazia presente nas aulas.

Ao aproximar do público da EJA da escola em estudo, pode-se observar que a prática de leitura de textos literários talvez não seja uma tarefa fácil, já que em sua grande maioria, o aluno da EJA é aquele sujeito que por motivos diversos foi afastado da escola nos anos iniciais, justamente na fase inicial da vida que para muitos educadores é a melhor para desenvolver habilidades leitoras. A exclusão desse sujeito do acesso à escola em tempos considerados ideais reflete também no afastamento do letramento literário, visto que, em alguns casos, é a no contexto escolar que essas leituras literárias são apresentadas.

Então, o desafio está lançado. Como aproximar esses jovens, idosos e adultos da leitura de literatura quando estes não possuem vivências de leituras literárias. Não possuem o contato com o livro. Muitas vezes com históricos de ausência de contato com livros infantis ou até mesmo ausência de qualquer obra literária em suas casas. Um desafio e tanto para o educador que percebe e entende a importância da leitura desses textos na sala de aula.

Despertar no aluno da EJA pouco escolarizado o gosto pela leitura é uma tarefa necessária porque “Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita [...]” (LERNER, 2002, p. 73). Ou seja, faz-se necessário incluir esses sujeitos estigmatizados socialmente e excluídos na escola do contato como os saberes literários, na cultura escrita. Sabe-se, portanto, que o contato com leituras literárias que deve ser promovido durante as aulas mesmo que esses sujeitos sejam

pouco escolarizados, pois para desenvolver o “gosto pela leitura literária” é necessário conhecê-las e experimentá-las. Por se tratar de alunos poucos escolarizados e sem muita familiaridade com leituras de literatura, o professor dessa modalidade pode apresentar textos literários a partir da verbalização do texto ou obra literária para a turma, além de outras atividades que oportunize aos estudantes a experiência e a intimidade com a literatura e arte.

O contato inicial do aluno da EJA com a literatura pode e deve ser incentivado a partir da leitura de obras literárias que dialoguem com os medos, anseios e as vivências desses jovens, adultos e idosos. Pois “A literatura não tem compromisso com a realidade, mas, muitas vezes, trata a realidade com muito mais propriedade do que qualquer outra forma discursiva.” (GUIMARÃES E BATISTA. 2012. p. 24). Por isso, é tão importante o diálogo entre alunos e professores e vise e versa, para que os textos possam revelar a estes desbravadores literários, discussões sobre situações vivenciadas por eles, como a violência, medos, anseios e preconceitos.

Considerações finais: a necessidade de um olhar literário

Contudo, a escolha dos textos de literatura para um contato inicial deve ser feita a partir de uma seleção cuidadosa, já que “a primeira impressão é a que fica”. É claro que nesta seleção cuidadosa dos textos literários para as aulas da EJA também é importante a diversidade dos gêneros. Uma vez que “é ao longo da vida que o leitor vai se formando, em interação constante com o universo natural, cultural e social em que vive.” (PAIVA, 2005, p. 119). Sendo assim, faz-se necessário também a leitura dos diversos gêneros literários que fazem parte do cotidiano dos alunos da EJA, além do contato com uma diversidade de gênero textual.

Para que aconteçam discussões nas aulas da EJA sobre as possíveis interpretações de leituras literárias é preciso que o professor conheça os sujeitos aprendizes dessa modalidade. É necessário conforme insiste Paulo Freire (2011) a permanência de um diálogo constante nas aulas, pois é a partir do contato com o sujeito aprendiz que o professor deve planejar suas aulas. Portanto, para selecionar os textos literários que devem ser lidos nas aulas, é preciso que o professor esteja com a escuta atenta aos diálogos discentes e reconheçam que “não bastam essas linguagens que os sujeitos dominam: é preciso ler e escrever a outra, organizadora dos tempos e espaços sociais.” (PAIVA, 2005, p. 1180). A ausência da leitura de literatura e do diálogo na EJA excluem esses sujeitos aprendizes do acesso a uma leitura de mundo, ao reconhecimento de espaços e assuntos diferentes do contexto social que pertencem e a limitarem possíveis desejos de descobrir o novo.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GUIMARÃES, A. H. T.; BATISTA, R. O. A leitura é uma atividade dinâmica. In: GUIMARÃES, A. H. T.; BATISTA, R. O. *Língua e literatura: Machado de Assis na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 17-24.

LENER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Trad.: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAIVA, Jane. Literatura e neoleitores jovens e adultos – encontros possíveis no currículo? In: PAIVA, A. et al. (Org.). *Leitura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 111-126.

ROUXEL, Anne. Trad.: Neide Luiza de Rezende. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. DE.; JOVER-FALEIROS, R. (Org.). *Leitura de Literatura na Escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 17-35.